

AS DIMENSÕES HISTÓRICAS, EPISTEMOLÓGICAS, ÉTICAS, ESTÉTICAS E POLÍTICAS DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS E SUAS REVERBERAÇÕES NO NORDESTE

*Carlos Eduardo Ferrão
Leonardo Rangel dos Reis
Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles*

Resumo

O presente ensaio busca ressaltar alguns movimentos das pesquisas com os cotidianos em educação, no país, e trabalhando as dimensões histórico-conceituais de criação do GE – Cotidianos – éticas, estéticas e políticas, na ANPEd, aponta para a força ético-estético-político-epistemológica dessa vertente de estudos e pesquisas. E, com o intuito de compreender as reverberações destas pesquisas, lança mão da metodologia do mapeamento, focando na região Nordeste, a partir da análise de alguns GT's do EPEN, nos anos de 2018, 2020 e 2022. Os resultados apresentados apontam que o termo cotidiano aparece com frequência nos trabalhos expostos, porém de modo irregular e variando entre os GT's investigados.

Palavras-chave: pesquisas com os cotidianos; GE – Cotidianos – éticas, estéticas e políticas; ANPEd; EPEN.

THE HISTORICAL, EPISTEMOLOGICAL, ETHICAL, AESTHETIC AND POLITICAL DIMENSIONS OF RESEARCH IN/OF/WITH EVERYDAY LIFE AND ITS REVERBERATIONS IN THE NORTHEAST

Abstract

This essay seeks to highlight some developments in research on everyday life in education in Brazil. By exploring the historical and conceptual dimensions of the creation of the GE - Everyday Life - Ethics, Aesthetics, and Politics, at ANPEd, it highlights the ethical, aesthetic, political, and epistemological strength of this strand of study and research. To understand the repercussions of this research, it uses mapping methodology, focusing on the Northeast region, based on the analysis of some EPEN Working Groups in 2018, 2020, and 2022. The results indicate that the term "everyday" appears frequently in the works presented, but irregularly and varying between the Working Groups investigated.

Keywords: research with everyday life; GE – Everyday Life – Ethics, Aesthetics, and Politics; ANPEd; EPEN.

LAS DIMENSIONES HISTÓRICAS, EPISTEMOLÓGICAS, ÉTICAS, ESTÉTICAS Y POLÍTICAS DE LA INVESTIGACIÓN EN/DE/CON LA VIDA COTIDIANA Y SUS REVERBERACIONES EN EL NORESTE

Resumen

Este ensayo busca destacar algunos avances en la investigación sobre la vida cotidiana en la educación en Brasil. Al explorar las dimensiones históricas y conceptuales de la creación de la GE - Vida Cotidiana - Ética, Estética y Política, en la ANPEd, se destaca la solidez ética, estética, política y epistemológica de esta línea de estudio e investigación. Para comprender las repercusiones de esta investigación, se utiliza una metodología de mapeo, centrada en la región Nordeste, a partir del análisis de algunos Grupos de Trabajo (GT) de EPEN en 2018, 2020 y 2022. Los resultados indican que el término "cotidiano" aparece con frecuencia en los trabajos presentados, pero de forma irregular y variable entre los GT investigados.

Palabras clave: investigación con la vida cotidiana; GE – Vida Cotidiana — Ética, Estética y Política; ANPEd; EPEN.

CONVERSAS INICIAIS...

As dimensões histórico-conceituais das pesquisas nos/dos/com os cotidianos podem ser buscadas na própria Ementa do GE – Cotidianos – éticas, estéticas e políticas, quando afirma que as referidas dimensões surgiram no contexto do GT – Currículo, tendo como referências iniciais as iniciativas dos grupos coordenados por Regina Leite Garcia/UFF, Nilda Alves/UFF-UERJ, e Corinta Geraldi/UNICAMP.

A partir do início bastante promissor, as pesquisas nos/dos/com os cotidianos foram se ampliando e se complexificando em diferentes grupos espalhados pelo país e pelos vários GTs da ANPEd, o que é possível inferir tendo em vista a apresentação de vários trabalhos nas reuniões anuais e regionais a partir de 1990. Ainda de acordo com a Ementa do GE Cotidianos (ANPEd, n.p.):

Os grupos ligados a essa corrente de pensamento na Educação foram também se organizando e articulando em diversas universidades brasileiras, em linhas de pesquisa de seus programas de pós-graduação. A presença desses grupos e linhas nesses espaços tempos de pesquisa, ensino e extensão permitiram o desenvolvimento de inúmeros projetos financiados para trabalhar nesta corrente de pensamento a que chamamos 'pesquisas nos/dos/com os cotidianos', ou simplesmente, 'pesquisas com os cotidianos'. Ao longo desse processo, a temática foi se consolidando não apenas em torno dos cotidianos, mas no campo mais amplo das novas epistemologias nas Ciências Sociais e na Educação, bem como no trabalho com diferentes linguagens e metodologias de pesquisa, indicando a criação de conhecimentos significativos no campo da pesquisa educacional, sempre como contribuição ética-estética-política-epistemológica, que opera simultaneamente, em interação e na consolidação do campo dos cotidianos. Essas reflexões se enredam de modo a contribuir para o adensamento das discussões no/do campo da pesquisa com os cotidianos, transcendendo-o e às suas origens, permitindo compreender suas especificidades e demandas. Resultado de ampla produção e atuação, na Assembleia Geral da 40ª Reunião

Nacional da ANPEd, após pedido feito por meio de abaixo assinado com mais de 100 assinaturas de associadas/os e anuência de Comissão instituída pela Diretoria da Associação, foi votada e aprovada, por unanimidade, a criação do GE – Cotidianos – éticas, estéticas e políticas.

Desse modo, foi em especial, no âmbito do GT Currículo que a temática mais ampla envolvendo a discussão dos cotidianos das escolas, mas não só delas e, por efeito, o aceno para o surgimento de uma dimensão de pesquisa que, mais tarde vai ser nomeada de pesquisas nos/dos/com os cotidianos surgiu, ou seja, foi no interior do GT Currículo que essas discussões iniciaram. É possível inferir que a sistematização, isto é, a produção teórico-epistemológico-metodológico-conceitual de uma dimensão de pesquisa, hoje nomeada de pesquisas nos/dos/com os cotidianos, vai acontecer com o advento da publicação dos livros “Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes”, organizado por Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira e publicado pela DP&A em 2001, e “Método: pesquisa com o cotidiano”, organizado por Regina Leite Garcia e também publicado pela DP&A em 2003.

Passados 23 anos da publicação do livro “Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes”, inúmeras conversas, pesquisas e produções foram e continuam sendo realizadas por diferentes pesquisadores, pesquisadoras e grupos de pesquisa no Brasil, contribuindo, cada vez mais, tanto para a consolidação quanto para a complexificação e a problematização de uma atitude ético-estético-político-poética de pesquisa em Educação, que tem como pressuposto fundamental a potência da dimensão inventiva dos cotidianos e de seus praticantes. Como está descrito na referida Ementa (ANPEd, n.p.):

A expansão temática e metodológica das pesquisas com os cotidianos possibilita e mesmo exige espaços específicos em que as perspectivas epistemológicas e políticas que os animam possam ser debatidas e desenvolvidas mais amplamente, em diálogos ainda mais fecundos, em que se combinam suas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas. Assim, o GE–Cotidianos, origina-se com a intenção de articular procedimentos de pesquisa com os cotidianos que abordem diferentes praticantes pensantes e narradores de suas vidas, em seus fazeressentiressaberes e modos de estar no mundo.

Nessa direção, diferentemente de se pensar o cotidiano da escola apenas como lugar de aplicação e/ou de reprodução das políticas oficiais educacionais, defendemos, como cotidianistas, que nos múltiplos espaçostempos desses cotidianos também são produzidas políticas de educação, levando-nos a romper com a dicotomia prática x política. É Nilda Alves (2010, p. 49) quem nos ajuda nessa defesa, ao afirmar que:

Para começar precisamos dizer que não existe, nas pesquisas com os cotidianos, entre os inúmeros grupos que as desenvolvem, a compreensão de que existem práticas e políticas [...] uma vez que entendemos que as políticas são práticas, ou seja, são ações de determinados grupos políticos sobre determinadas questões com a finalidade explicitada de mudar algo existente em um campo de expressão humana. Ou seja, vemos as políticas, necessariamente, como práticas coletivas dentro de um campo qualquer no qual há, sempre, lutas de posições diferentes e, mesmo, contrárias. Desta maneira, não vemos como “políticas” somente as ações que são mais visíveis. Os grupos não hegemônicos, em suas ações, produzem políticas que, muitas vezes, não são visíveis aos que analisam “as políticas”

porque estes foram formados para enxergar, exclusivamente, o que é hegemônico com o que aprenderam com o modo de pensar hegemônico.

Desse modo, entender as práticas cotidianas também como expressões de políticas de educação implica, a nosso ver, não só questionar as dicotomias herdadas pela área da educação do discurso hegemônico da ciência moderna, tais como, local x global, cultura x natureza, teoria x prática, sujeito x objeto, macro x micro, dentro x fora, quantidade x qualidade, entre muitas outras; mas, sobretudo, implica colocar sob suspeita toda e qualquer proposta de tentar fazer com que a prática se torne política, o que nos leva a ficar alertas para a ideia tão recorrente nos discursos educacionais de que é preciso “conscientizar” politicamente as pessoas, atitude que, a nosso ver, muitas vezes nega o fato de que, independentemente de nossas condições sociais, econômicas e culturais somos, sempre, sujeitos políticos. Veiga-Neto (1996, p. 170) ajuda-nos nessa defesa quando afirma:

Nossas construções e nossos entendimentos do que seja a realidade se dão necessariamente numa dimensão política. Tudo sendo resultado de acordos discursivos, tudo é político. O ser humano não é um ser biológico e social e econômico e psicológico e político; isso é, não há uma dimensão política ‘ao lado’ das demais dimensões. O político não é uma dimensão a mais, senão que o político atravessa constantemente todas as demais. Isso se dá de tal maneira que até o acesso que temos a nós mesmos está determinado pelo político. Eu não posso ser um sujeito social sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito ético sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito epistemológico – isso é, eu não posso nem mesmo pensar ou falar sobre o mundo ou sobre mim mesmo – sem ser um sujeito político.

Considerando, então, a força ético-estético-político-epistemológica inerente aos espaçotempos cotidianos, vamos defender que seus praticantes são, também, criadores de teoriaspráticas educacionais. São autores que, cotidianamente, inventam e partilham, em suas redes, diferentes conhecimentosignificações para a educação.

Em termos da dimensão inventiva dos cotidianos, Luce Giard (1994) destaca a dimensão ético-estético-política presente na vida-obra de Michel de Certeau, sobretudo em seu fascínio pelas práticas anônimas dos sujeitos praticantes diante das estruturas de poder. Como afirma Luce Giard (1994, p. 18):

Em Michel de Certeau são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro, de sorte que nenhuma situação lhe parece a priori fixa ou desesperadora [...]. Certeau discerne um movimento browniano de micro-resistências, as quais fundam microliberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima. [...] Essa diferença em face da teoria se deve a uma convicção ética e política, alimenta-se de uma sensibilidade estética que se exprime em Certeau através da constante capacidade de se maravilhar. 'O dia-a-dia se acha permeado de maravilhas, e escuma tão brilhante (...) como a dos escritores ou dos artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens dão lugar a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e tornam a surgir'. Se Michel de Certeau vê por toda a parte maravilhas, é porque se acha preparado para vê-las. (Certeau, 1994, p. 18).

A aposta otimista de Certeau (1994) em relação às atitudes dos praticantes diante dos acontecimentos cotidianos criando microrresistências, que fundam microliberdades, está pautada em uma força ético-estético-político-poética que pressupõe uma dimensão inventiva para os cotidianos, assumidos sempre como movimentos, processos, redes, complexidades, fluxos, intensidades, rizomas que se expandem continuamente e não se deixam delimitar a regiões e/ou territórios pré-estabelecidos, fazendo valer a afirmativa de que os cotidianos se inventam com mil maneiras de caças não autorizadas, com suas proliferações disseminadas de criações anônimas e perecíveis que irrompem com vivacidade e não se capitalizam. Por isso, em Certeau (1996, p. 13) temos que:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nessa ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.

A ênfase de Certeau (1994) em uma força inventiva para os cotidianos, como antecipado, assume uma ação propositiva dos sujeitos anônimos, uma vez que, para o autor, os praticantes não se submetem de modo inerte aos acontecimentos, mas se deslocam em meio a táticas-estratégias, afirmando a dimensão ético-político-estético-poética em suas vidas. Partindo da ideia de que “[...] sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”, Luce Giard (1994, p. 31) infere:

Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos.

Em composição com essa força inventiva dos cotidianos, faz-se necessário que nos desloquemos politicamente no lugar de “autores-pesquisadores-protagonistas”, de modo a nos situar em meio aos processos de cocriação de experiências, isto é, por entre as redes cotidianas tecidas com os praticantes. Só assim, podemos nos dar conta de que somos, ao final, “pesquisadores praticantes” (Ferraço, 2007, 2011) e não mais “investigadores-autores-exclusivos”.

Essa atitude implica assumir que toda e qualquer pesquisa sempre se constituirá como uma produção coletiva, em redes, o que não significa que não tenhamos, na condição de propositores de investigações, responsabilidades, uma vez que, como já defendemos em outras ocasiões, estamos, sempre, envolvidos subjetivamente na tessitura dos “nossos” objetos de estudo, isto é, na produção dos “nossos” campos problemáticos, misturando-nos aos, supostamente “nossos”, temas, objetivos e interesses.

Se estamos incluídos, mergulhados, em nosso objeto, chegando, às vezes, a nos confundir com ele, no lugar dos estudos “sobre”, de fato, acontecem os estudos “com” os cotidianos [...]. Então, em nossos estudos com os cotidianos das escolas, no lugar de perguntas como: que significa essa atitude? Que quer dizer esse cartaz? Que significa esse texto? Qual o sentido dessa fala? Devemos perguntar: que leituras eu faço desse cartaz, texto ou fala? Assim, em nossos

estudos com os cotidianos das escolas, há sempre uma busca por nós mesmos. Apesar de pretendemos, nesses estudos, explicar os outros, no fundo estamos nos explicando. Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros, mas nós somos também esses outros e outros outros. Por vezes, quando nós nos explicamos, pensando que explicamos os outros, falamos coisas próximas daqueles que queremos explicar. Mesmo assim, ainda somos os sujeitos explicados em nossas explicações. Somos caçacaçador. E com essas explicações nos aproximamos das explicações dos outros (Ferraço, 2003, p. 160-161).

Em composição com essa dimensão ético-político-estético-poética presente nas pesquisas com os cotidianos e, ainda, presente nas redes de táticas-estratégias, Certeau (1994) destaca o uso das conversas com os sujeitos praticantes, como tentativas de aproximação-mobilização das relações vividas por esses sujeitos, isto é, como tentativa de pensar com (Ferraço, 2003) eles e não sobre ou para eles.

Ou seja, essa possibilidade de pensar com o outro reforça a pista deixada por Certeau (1994), em termos do uso que ele fazia das conversas em suas pesquisas e seus estudos. Giard (1994), ao se referir a esse uso, destaca a preocupação que ele tinha em, ao conversar com os sujeitos ordinários, tentar estabelecer uma condição de empatia fora do comum, ao mesmo tempo em que não dedicava uma atenção diretiva. Sempre encorajando as pessoas a se colocarem, buscava escutá-las atestando a riqueza das palavras ditas.

As retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis (Certeau, 1994, p. 50).

A ESTÉTICA COMO PANO DE FUNDO DAS CONVERSAS: DE CERTEAU À MERLEAU-PONTY

Ainda é frequente uma difundida crença cartesiana de que as conversas se desdobram entre duas ou mais pessoas, a partir de relação dependente de suposto “diálogo” interno que a pessoa teria com ela mesma, antes de endereçá-lo a outra pessoa. Esse modo de compreensão da comunicação, da fala e do pensamento, o torna dependente da representação. Trata-se de uma comunicação solipsista que acontece entre indivíduos já constituídos.

É como se ao conversar precisássemos acessar uma instância interna para realizar alguma codificação do que está sendo expresso, porque não podemos ter acesso direto ao modo como as pessoas se apresentam diante de nós. Nesse modo individualista de conceber a comunicação, os significados são buscados antes “na nossa cabeça” do que provocados pelos encontros no qual estamos situados (Rangel, Pinheiro, 2024).

Acontece que as pesquisas com os cotidianos trabalham com a lógica do acontecimento e com a noção de redes (Alves, 2010), então seus pesquisadores e pesquisadoras não podem conjecturar a conversa se desdobrando através de duas pessoas prontas, “fechadas em si mesmas”, em que uma simplesmente comunica suas crenças e certezas para a outra, enquanto a outra se faz

de ouvinte esperando o momento oportuno para se expressar. Esse modo idealista de entender a conversa, não é aceito nas pesquisas com os cotidianos, porque “[...] o corpo de outrem não é um objeto para mim, nem o meu para ele” (Merleau-Ponty, 1999, p. 472), e também porque, seguindo outras pistas lançadas por Merleau-Ponty (1999), os pensamentos e os gestos não existem fora do mundo.

Como as pesquisas com os cotidianos desdobram questões da ordem do sensível, a perspectiva dos afetos – tão atual nas ciências humanas – é tida como via privilegiada de acesso ao mundo e aos processos de cocriação dos modos de subjetivações. As pesquisas com os cotidianos evocam e conjecturam um momento da conversa anterior a formação do sujeito e do objeto. Essa atitude heurística recorre à estética para melhor entender os fluxos cotidianos envolvido nos processos expressivos da comunicação, como os diversos compartilhamentos estabelecidos entre as pessoas em diferentes situações: as idas e vindas às escolas; os encontros entre colegas no pátio das escolas ou na biblioteca, terminando de se preparar para a prova que acontecerá longo em seguida; os rituais de namoro ou às brigas entre casais e/ou grupos de amigos que acontecem nos intervalos das aulas; a interação da mãe que acabou de receber o boletim e descobriu que sua filha foi reprovada em algumas matérias... Toda essa comunicação aponta que “[...] a origem sensorial da experiência é uma percepção vaga, confusa e afetivamente prenhe” (Francesetti, 2018, p. 150).

As conversas se desdobram em atmosferas que estão emaranhadas nas sintonias afetiva. Quem nunca foi seduzido e guiado pelo cheiro do pão quente saindo de uma padaria? Quem nunca ficou alvoraçado em saber que a comida do dia oferecida na merenda escolar é um dos seus pratos favoritos? Quem nunca se encantou diante de um artefato de arte? Quem nunca ficou seduzido pelo pôr do sol ou pela lua cheia em uma noite de céu estrelado? Isso assinala que as atuais atmosferas nas/das redes educativas, das quais fazemos parte, contribuem esteticamente para mobilizar afetos nas pessoas. Estes podem ser traduzidos como nossa relação mais ancestral no/do/com (o) com mundo, nos implicando com as situações nas quais nos encontramos presentes.

Portanto, as conversas não são consagradas e nem se dirigem ao ego, antes elas acontecem nas redes educativas que nos indicam pertencas ancestrais e envolventes com nosso entorno. Dessa maneira, a estética simboliza nossa relação de abertura aos acontecimentos, na medida em que se refere às difusas mobilizações dos sentidos que nos envolve, nos arrebatam e nos provocam a realizar as experiências expressivas nos fluxos envolventes no/do/com (o) mundo. É por isso que para melhor entender a linguagem, o filósofo Merleau-Ponty (1999) recorre à importância dos sentidos e da percepção (Rangel, Pinheiro, 2024), porque, para ele, “[...] a evidência de outrem é possível porque não sou transparente para mim mesmo, e porque minha subjetividade arrasta seu corpo atrás de si” (Merleau-Ponty, 1999, p. 472).

A estética nos invade com os assuntos mundanos e nos provoca a criar diálogos: gestos, imagens, palavras e sons que se realizam como paisagens e atmosferas e nos abrem aos acontecimentos das redes educativas. Os currículos plasmados nas tessituras cotidianas criam canais dialógicos para intensificar nossas presenças enquanto seres pertencentes ao mundo. Desse modo, o mundo descortinado através das conversas se abre como horizontes de possibilidades.

É por isso que, para Thibaud (2012), questões sensoriais e estéticas que antes entravam como temas secundários, acessórios nas ciências humanas e sociais passaram a assumir protagonismo nos estudos e pesquisas deste campo, criando crescente interesse pela compreensão dos ambientes sensoriais dos espaçotempos habitados. É como se passássemos por uma mudança

fundamental que está redefinindo o modo como sentimos, fazemos, pensamos o mundo à nossa volta. Desse modo, a estética passa a dizer respeito à “[...] sensibilidade e os sensíveis que permitem recriar o significado e à existência e criar novas formas de subjetivações” (Robine, 2018, p. 236).

As conversas cotidianas exprimem o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou mudar nossa existência, através dos modos de afecção, sendo que nos vincula a novos artefatos e repertórios. Isso porque “[...] antes de tudo um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 4).

Ao estudar a relação que os humanos são capazes de nutrir e desenvolver com seu entorno, Alves (2001) expõe um modo de pesquisar no qual um dos movimentos se apresenta como o “sentimento de mundo”. Se fizermos uma rápida busca no dicionário para o significado de “sentimento”, teremos: Ato ou efeito de sentir-se; capacidade ou aptidão para sentir; disposição para ser facilmente comovido ou impressionado; sensibilidade (Michaelis, online). “O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida” (Merleau-Ponty, 1999, p. 84). Então, ao relacionar o sentimento do mundo com as conversas podemos afirmar que:

Na experiência do diálogo, constitui-se um terreno comum entre outrem e mim, meu pensamento e o seu formam um só tecido, meus ditos e aqueles do interlocutor são reclamados pelo estado da discussão, eles se inserem em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Existe ali um ser a dois, e agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos, um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através de um mesmo mundo (Merleau-Ponty, 1999, p. 475).

Dessa maneira, as paisagens desdobradas nas conversas, como panoramas no/do mundo, nos apontam que os afetos acontecem em atmosferas difusas que escapam ao controle do sujeito, porque não diz respeito ao ato da vontade, da decisão ou da consciência em vigília, mas, se refere à abertura ao mundo que se apresenta como evidente (Carmo, 2011) e nos expõe, nos retira do conforto solipsista e nos força a experimentar, a viver, a estar presente. “Esse momento de dimensão estética é pré-reflexivo e antipredicativo, quando não há separação clara entre eu e o outro-para-mim” (Francessetti, 2018, p. 150). Desse modo, as pesquisas com os cotidianos nos convocam a sentir, fazer, pensar os movimentos da pesquisa entrelaçados ao mundo. Isso acontece no envolvimento ético com a política e a estética: o mundo constituindo-se nos encontros dos corpos sensoriais, nas poéticas relacionais, tendo em vista que:

[...] precisamos aprender a reconhecer a comunicação das consciências em um mesmo mundo. Na realidade, outrem não está cercado em minha perspectiva sobre o mundo porque esta mesma perspectiva não tem limites definidos, porque ela escorrega espontaneamente na perspectiva de outrem e porque elas são ambas recolhidas em um só mundo do qual participamos todos enquanto sujeitos anônimos da percepção (Merleau-Ponty, 1999, p. 473).

As pesquisas com os cotidianos defendem a força ético-estético-político-epistemológica inerente aos espaços e tempos cotidianos, afirmando que seus praticantes são cocriadores das teorias práticas educacionais, apostando que “[...] a fala é um gesto, e sua significação um mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 250). O extrato silencioso das experiências sempre nos acompanha,

expressando nossa ancestral pertença estética, nos consagrando como seres que devem no mundo. O mundo se desdobra como campo de nossas experiências (Merleau-Ponty, 1999), sempre nos ultrapassando. Isso implica que o “eu” emerge, como efeito temporário, dos processos de encontros em andamento, sempre permeados pelos possíveis. “As raízes do meu existir ali me transcendem, vão mais fundo em um lugar onde eu e o outro ainda têm que ser diferenciados” (Francessetti, 2018, p. 150), estética dos acontecimentos.

Então, de modo estético, pré-reflexivo, as palavras, gestos, imagens, sons, pensamentos e conversas se desdobram como sentidos que são anunciados como panoramas e fluxos no/do mundo. “Consequentemente, há um momento no desdobramento da experiência, no caldeirão onde tudo toma forma a partir dos sentidos, no qual eu e o outro estamos ainda sendo diferenciados” (Francessetti, 2018, p. 150).

É por isso que Alves (2010) afirma que os cotidianos são formados por dentroforas, assim como Merleau-Ponty (1999, p. 547) pôde dizer que: “O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em ideia ou o corpo em ideia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo-cognoscente”. A comunicação, os pensamentos e as palavras circulam nessas atmosferas e não são pertencentes a nenhum mundo “interior”, pois

Enquanto tenho funções sensoriais, um campo visual, auditivo, tátil, já me comunico com os outros, considerados também como sujeitos psicofísicos. Meu olhar cai sobre um corpo vivo prestes a agir, no mesmo instante os objetos que o circundam recebem uma nova camada de significação: eles não são mais apenas aquilo que eu mesmo poderia fazer com eles, são aquilo que este comportamento vai fazer com eles (Merleau-Ponty, 1999, p. 473).

Essas solicitações e frequentações no/do/com (o) mundo nos coloca em contato com outros viventes e com os artefatos. Nesta perspectiva, é importante mencionar que o primeiro contato que temos com a linguagem, com pensamentos e palavras, se realiza antes em um suposto “lado de fora”, porque ocorre na dependência e atrelamento ao fazer. Aliás, a prática é a instância que abre o sujeito ao mundo (Certeau, 1994), porque através dela se realizam intercursos, diversas possibilidades de ligações, encontros, travessias. Até podemos dizer que somente o sujeito aberto ao mundo é capaz de criar (Rangel, Pinheiro, 2024), mas isso acontece justamente porque “[...] não é com ‘representações’ ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o ‘mundo’ que ele visa” (Merleau-Ponty, 1999, p. 249). Quem cria é o sujeito engajado nas suas frequentações nas redes educativas, envolvendo-se esteticamente no mundo.

Deste modo, os significados circulam nos/dos encontros e permanecem como atmosferas que formam paisagens no/do/com (o) mundo. As conversas como acontecimentos são sintonias afetivas como acessos às referidas paisagens. Pensamentos, gestos, imagens, sons e palavras como texturas no/do/com (o) mundo, e não como estímulos dependentes de codificações dentro de uma cabeça. É por isso que podemos dizer que, simultaneamente, formamos e somos formados pelas redes das quais participamos (Andrade, Caldas, Alves, 2019).

Essa reverberação estética é exercida cotidianamente em toda atividade humana (Robine, 2018). A reversibilidade entre corpo e mundo, mundo e corpo, se faz com gestos e palavras tornadas significativas através das solicitações do outro que se apresentam como acontecimentos,

aberturas, fazendo circular os conhecimentos significações (Andrade, Caldas, Alves, 2019) como acontecer cotidiano.

REVERBERAÇÕES/CIRCULAÇÕES DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS NO NORDESTE

Para dar conta desse momento fizemos um estudo exploratório tendo como referência os trabalhos que foram apresentados nos GT's: 04 (Didática), 07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), 08 (Formação de professores), 10 (Alfabetização, leitura e escrita), 12 (Currículo), 13 (Educação fundamental), 15 (Educação especial), 16 (Educação e comunicação), 18 (Educação de pessoas jovens e adultas), 19 (Educação matemática), 21 (Educação e relações étnico-raciais), 22 (Educação ambiental), 23 (Gênero, sexualidade e educação) e 24 (Educação e arte); nos XXIV ENPEN (realizado em João Pessoa de 19 a 22 de novembro de 2018), XXV EPEN (realizado em Salvador de 4 a 7 de novembro de 2020) e XXVI EPEN (realizado em São Luís de 22 a 25 de novembro de 2022).

Em função do tempo de que dispúnhamos para a realização das análises, buscamos priorizar os GT's que, em princípio, teriam uma maior interface com os movimentos cotidianos e, em especial com o cotidiano escolar, incluindo as práticas docentes e discentes. Tendo por base as principais problematizações relacionadas ao campo dos estudos e das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, tanto em termos dos conceitos que são usados quanto dos autores e autoras mais recorrentes e, ainda, usando como descritor a palavra cotidiano, foi possível inferir:

a) O quantitativo de aparecimento do tema cotidiano em suas diferentes composições por Encontro: no XXIV EPEN, o termo apareceu em 42 de um total de 199 trabalhos exibidos, ou seja, estava presente em 21% das investigações apresentadas; já no XXV Encontro a noção apareceu em 102 de um total de 254 trabalhos, presente em 40% das pesquisas expostas; por fim, no XXVI Encontro apareceu em 50 trabalhos de um total de 154 pesquisas, perfazendo 32%. Algumas questões disparadoras que emergem dos argumentos apresentados são: observa-se que o tema teve um significativo aumento do XXIV Encontro para o XXV Encontro, e uma diminuição do XXV para a XXVI. O que isso nos indica? Apesar dessa oscilação em relação à presença do tema nos referidos Encontros, os percentuais identificados denotam uma importância do mesmo para às pesquisas em Educação?

b) Além de aparecer de forma isolada, o tema cotidiano também aparece em diferentes composições de redes de sentidos. No encontro de 2018, predominou as seguintes expressões: “acontecer cotidiano”, “cotidiano da sala de aula”, “cotidiano dos gestores”, “cotidiano dos habitantes das cidades”, “cotidiano escolar”, “cotidiano pedagógico”, “cotidiano social”, “diálogo cotidiano”, “experiência cotidiana”, “experiências do cotidiano”, “fazer cotidiano”, “inquietação cotidiana”, “práticas cotidianas”, “realidades cotidianas”, “relações cotidianas”, “saberes-fazeres cotidianos”, “temáticas do cotidiano”, “trabalho cotidiano”, “vida cotidiana”, “vivências do cotidiano”, “entre tantas outras”, entre outras.

No encontro de 2020, as expressões envolvendo o cotidiano que mais apareceram foram: “a cotidianidade”, “ações cotidianas”, “acontecer cotidiano”, “acontecimentos cotidianos”, “aprendizagem no cotidiano”, “atividade cotidiana”, “atividades da vida cotidiana”, “atravessam o cotidiano”, “com o cotidiano”, “convivência no cotidiano”, “cotidiano das escolas”, “cotidiano vivenciado”, “cotidiano escolar”, “criatividade cotidiana”, “desafios cotidianos”, “discurso cotidiano”, “do/no/com o cotidiano”, “estudos dos cotidianos”, “exercício cotidiano”,

“experiências cotidianas”, “fazer cotidiano”, “inserção e atuação cotidiana”, “invenções do cotidiano”, “mudanças cotidianas”, “no cotidiano, do cotidiano, o cotidiano”, “nosso cotidiano”, “o cotidiano social e a potência constitutiva dos fazeres”, “pesquisa no cotidiano”, “práticas cotidianas”, “práticas pedagógicas e cotidianas estruturadas”, “vivência cotidiana”, “viver o cotidiano”, entre outras.

Já no encontro de 2022, emergiram as seguintes expressões: “acontecer cotidiano”, “cenas do cotidiano”, “cotidiano da sala de aula”, “cotidiano escolar”, “cotidiano social”, “(des)invenção no cotidiano”, “diálogo cotidiano”, “dinâmicas do cotidiano”, “discursos do cotidiano”, “diversidade cotidiana”, “momentos do cotidiano”, “política do cotidiano”, “praticar cotidianos”, “práticas cotidianas”, “presente cotidiano”, “realidades cotidianas”, “saberes-fazeres tecidos nos cotidianos”, “sentidos cotidianos”, “traços cotidianos contra-hegemônico”, “valores cotidianos”, “vida cotidiana”, “vida e afazeres do cotidiano”, “vivências cotidianas”, entre outras.

Pensamos que essas composições do tema cotidiano em múltiplas redes de sentidos se articulam, são tecidas junto a conceitos, noções e/ou ideias que, apesar de evidenciar a dimensão de complexidade do tema (usamos aqui a ideia de Edgar Morin, complexo porque é tecido junto), não necessariamente se fazem presentes na produção teórico-metodológica do campo específico das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. O que isso nos diz em termos da dimensão ético-estético-político-epistemológica do referido tema? De fato, o tema cotidiano presente nos trabalhos indica a presença não apenas do sentido de espaço, de lugar das práticas pedagógicas, mas, inclusive, como estilo de pensamento a que chamamos pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Nessa direção, em que movimento político, ético e estético essas pesquisas estão forjando? Que sinais e interrogações a respeito do caminhar na pesquisa em educação, a presença do tema cotidiano presente nos trabalhos nos dá a pensar? Quais sentidos o tema cotidiano abre à pesquisa educacional? Que interrupções e irrupções acontecimentais atravessam esses movimentos de pesquisas? Que problematizações são produzidas à pesquisa com o tema cotidiano? A apresentação desse panorama, nos diz de um movimento outro de colocação e recolocação de problemas, de caminhos metodológicos ao campo da pesquisa educacional?

c) O quantitativo de aparecimento do tema cotidiano em suas diferentes composições por GT, se deu da seguinte maneira: no GT 04 (Didática): em 2018, o termo estava presente em 2 dos 8 trabalhos apresentados; em 2020, a noção se encontrava presente em 6 das 21 pesquisas apresentadas; e em 2022, estava em 1 dos 7 trabalhos apresentados; totalizando 9 investigações de um total de 36 pesquisas apresentadas, ou seja, correspondendo a 25% dos trabalhos apresentados no GT 04, Didática. No GT 07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos): em 2018, correspondeu a 2 dos 21 trabalhos exibidos; em 2020, alcançou um número de 17 das 25 pesquisas apresentadas; e em 2022, foram 4 dos 11 trabalhos expostos, totalizando 23 trabalhos de um total de 57 pesquisas exibidas, ou seja, correspondendo a 40% dos trabalhos expostos no GT 07, Educação de crianças de 0 a 6 anos.

No GT 08 (Formação de professores): em 2018, o termo cotidiano apareceu em 11 dos 23 trabalhos exibidos; em 2020, estava presente em 7 das 20 pesquisas apresentadas; e em 2022, se encontrou em 3 dos 18 trabalhos expostos, totalizando 21 trabalhos de um total de 61 investigações apresentadas, ou seja, correspondendo a 34% das pesquisas mobilizadas no GT 08, Formação de professores. No GT 10 (Alfabetização, leitura e escrita): em 2018, tivemos 1 dos 9 trabalhos apresentados; em 2020 foram 9 das 22 pesquisas exibidas; já em 2022, foram 4 das 21 pesquisas apresentadas, totalizando 14 trabalhos envolvendo a temática cotidiano em um total de 52

pesquisas apresentadas, ou seja, correspondendo a 27% das pesquisas mobilizadas no GT 10, Alfabetização, leitura e escrita.

No EPEN, no GT 12 (Currículo): em 2018, foram 4 trabalhos dos 19 apresentados; em 2020, foram 3 dos 23 trabalhos exibidos; e em 2022, foram 5 trabalhos das 13 pesquisas apresentadas, totalizando 12 pesquisas relacionadas com a temática cotidiano de um total de 55 trabalhos expostos, ou seja, alcançando 22% dos trabalhos exibidos no GT 12, Currículo. No GT 13 (Educação fundamental): em 2018, houve 1 dos 6 trabalhos exibidos com a temática envolvendo cotidiano; em 2020, 6 pesquisas dos 15 trabalhos apresentados se relacionavam com o tema em apreço; e em 2022, foram 4 das 6 pesquisas apresentadas, totalizando 11 trabalhos envolvendo a temática cotidiano em um total de 27 pesquisas apresentadas, ou seja, correspondendo a 41% das pesquisas mobilizadas no GT 13, Educação fundamental.

No GT 15 (Educação especial): em 2018, dos 19 trabalhos expostos, 3 exibiram o termo cotidiano em suas exposições; em 2020, foram 3 dos trabalhos apresentados das 19 pesquisas; e em 2022, também tivemos um quantitativo de 19 trabalhos apresentados, dos quais três exibiram o termo cotidiano em suas exposições, totalizando 9 trabalhos de um total de 59 trabalhos, ou seja, 15% dos trabalhos apresentados no referido GT. No GT 16 (Educação e comunicação): em 2018, das 13 pesquisas mobilizadas, 3 delas apresentaram a expressão cotidiano; em 2020, dos 16 trabalhos expostos, 4 traziam o cotidiano no escopo da pesquisa; e em 2022, 2 dos 4 trabalhos expostos exibiam o termo em sua apresentação, totalizando 9 trabalhos de um total de 33 trabalhos, o que corresponde a 27% das pesquisas mobilizadas no GT 16.

No EPEN, no GT 18 (Educação de pessoas jovens e adultas): em 2018, das 22 pesquisas exibidas, 8 estavam comprometidas com o termo cotidiano; em 2020, 5 trabalhos dos 23 apresentados trouxeram o termo em sua apresentação; e em 2022, 11 das 5 investigações mobilizadas usaram o termo, totalizando 18 trabalho de um total de 56, o que corresponde a 32% das pesquisas realizadas. No GT 19 (Educação matemática): em 2018, dos 4 trabalhos apresentados nenhum se referiu ao termo cotidiano; em 2020, apenas 1 trabalho trouxe o termo cotidiano, das 10 pesquisas exibidas; e em 2022, das 5 pesquisas 1 apresentou a noção cotidiano, totalizando 2 trabalhos de um total de 19 pesquisas expostas, o que corresponde a 10% das apresentações no GT 19.

No GT 21 (Educação e relações étnico-raciais): em 2018, das 19 pesquisas exibidas 3 delas traziam o termo cotidiano; em 2020, dos 23 trabalhos apresentados 18 deles apresentaram a noção; e em 2022, 7 das 13 pesquisas exibidas ressaltaram o cotidiano, totalizando 28 trabalhos de um total de 55 pesquisas, ou seja, 51% das investigações mobilizadas no GT 21. Já no GT 22 (Educação ambiental): em 2018, não tivemos nenhum trabalho dos 6 apresentados que trouxesse a noção cotidiano; em 2020, 1 trabalho das 3 pesquisas expostas trouxe o cotidiano em seu escopo; e em 2022, a única pesquisa exibida trouxe o cotidiano em seu texto, totalizando 2 trabalhos de um total de 10 investigações apresentadas, perfazendo 20% das pesquisas no GT 22, Educação ambiental.

No EPEN, no GT 23 (Gênero, sexualidade e educação): em 2018, 4 dos 20 trabalhos expostos trouxeram a noção cotidiano ao longo do seu desenvolvimento; em 2020, das 23 investigações expostas, 11 se referiram ao cotidiano em seu escopo; e em 2022, das 16 pesquisas, 7 abordaram o tema, totalizando 22 trabalhos de um total de 59 trabalhos, ou seja, 37% das produções mobilizadas no GT 23. Por fim, no GT 24 (Educação e arte): em 2018, das 10 investigações nenhuma se referiu ao cotidiano em seu desenvolvimento; em 2020, foram 6 pesquisas das 9 apresentadas que apresentaram a temática; e em 2022, dos 9 trabalhos apresentados,

3 deles explicitaram o cotidiano em suas tessituras, totalizando 9 trabalhos de um total de 28 trabalhos, o que corresponde a 32% dos trabalhos exibidos no GT 24, Educação e arte.

Considerando os 3 encontros demonstrados em cada GT, o tema *cotidiano* apareceu com mais frequência nos GT's 7 (40%), 8 (34%), 13 (41%), 18 (32%), 21 (51%), 23 (37%) e 24 (32%). O que isso nos informa em termos da composição, do pertencimento e da importância do tema cotidiano em relação às pesquisas apresentadas nos GT's? Apesar da importância e riqueza dessas diferentes possibilidades de composições temáticas, interessa-nos destacar as reverberações, os efeitos do que temos nomeado "pesquisas nos/dos/com os cotidianos", sobretudo em termos dos intercessores teórico-metodológicos que foram usados. Nesse sentido, destacam-se:

1) A presença de conceitos presentes ou mesmo forjados no campo dos estudos e pesquisas nos/dos/com os cotidianos: "(Des)invenções no cotidiano", "Com o cotidiano", "Do/no/com o cotidiano", "Invenções no cotidiano", "Saberes-fazeres cotidianos", "Saberes-fazeres tecidos no cotidiano", entre outros. Nos trabalhos apresentados, que dialogam com o campo das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, foi possível perceber movimentos de pesquisar mais marcados pela escuta, pelas conversações, pelos encontros, pelo uso de outras linguagens, afirmando caminhos, sentidos e experiências mais estéticas. O que isso potencializa nas pesquisas em Educação? De fato, nos referidos trabalhos, observa-se uma maior abertura do território das pesquisas em educação para presença de linhas mais flexíveis indicando uma atenção para as diferenças, as singularidades dos sujeitos praticantes do cotidiano que circulam na escola. O que essa abertura potencializa nas pesquisas em Educação? Os trabalhos em tela convidam-nos a pensar sobre o caminhar do pesquisador, de uma atenção e uma interação com o campo, do movimento de escolhas e instaurações metodológicas sempre *a posteriori* com uma atenção, um cuidado com as intensidades que irrompem do campo do cotidiano? O que isso nos diz da pesquisa em Educação? Por fim, sem pretender esgotar a discussão, observamos que as referidas pesquisas implicam movimentos, fluxos, intensidades da vida vivida nos cotidianos escolares, potencializando e enredando micropolíticas e movimentos de criação de vidas. O que isso nos diz da pesquisa em Educação?

2) A presença de obras que são referências fundamentais para os estudos e pesquisas nos/dos/com os cotidianos: *a)* Alves; Andrade; Caldas (2019); *b)* Alves (2001); *c)* Certeau (1994); *d)* Ferrazo; Nunes (2012); *e)* Oliveira; Peixoto; Sussekind (2019); *f)* Oliveira (2012), entre outras.

CONTINUANDO A CONVERSA

O texto buscou ressaltar aspectos das dimensões histórico-conceituais das pesquisas com os cotidianos, assinalando como estas se consolidaram através de estudos e pesquisas em educação do país, através de obras que hoje se tornaram referência dessa vertente de investigação em educação. Também buscou-se compreender alguns movimentos da criação do GE – Cotidianos – éticas, estéticas e políticas na ANPEd, que está em processo de se tornar um Grupo de trabalho (GT).

Além disso, abordou-se as filiações epistemológicas, éticas, estéticas e políticas das pesquisas nos/dos/com os cotidianos, focando com mais afínco na filiação estética das conversas, como questão fundante dos processos de desenvolvimentos heurísticos, epistemológicos e metodológicos destas pesquisas.

Além disso, o ensaio tentou realizar um mapeamento inicial das pesquisas com os cotidianos na região Nordeste, realizando estudos exploratórios de trabalhos apresentados em

alguns GT's da ANPED, com o fito de compreender como o tema cotidiano aparece em diferentes composições e redes de sentidos. O referido mapeamento pode servir para muitas questões, inclusive para orientar a intensificação e/ou fortalecimento de futuras parcerias que GE - Cotidianos - éticas, estéticas e políticas da ANPED, pode estabelecer com os GT's que já costumam dialogar com os cotidianos e seus temas mais realçados, além de se aventurar a criar aproximação e novos canais de conversa com os GT's que ainda não trabalham ou desconhecem a temática das pesquisas com os cotidianos.

Esperamos que outras pessoas se interessem em realizar mais mapeamentos em outras regiões do país, para termos um panorama mais amplo dos impactos das pesquisas com os cotidianos nos horizontes dos estudos e pesquisas em educação do país, e nas reverberações das tessituras e proposição curriculares e políticas de formação nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Artefatos tecnológicos relacionados à imagem e ao som na expressão da cultura de afro-brasileiros e seu “uso” em processos curriculares de formação de professoras na educação superior: o caso do curso de Pedagogia da UERJ/Campus Maracanã. *Projeto incorporado ao PROCiência*, agosto de 2005.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Ines Barbosa de; ALVES, Nilda (org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.
- ALVES, Nilda. ANDRADE, Nívea; CALDAS Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. PEIXOTO, Leonardo Ferreira. SUSSEKIND, Maria Luiza. *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- ALVES, Nilda. Redes educativas “dentrofora” das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: DALBEN, Ângela et al. (org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (org.). A necessidade de orientação coletiva nos estudos sobre o cotidiano: duas experiências. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 255-296.
- ANPED. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. GE Cotidianos – éticas, estéticas e políticas. n. p. Disponível em <https://anped.org.br/gt/ge-cotidianos-eticas-esteticas-e-politicas/>. Acesso em mar. 2024.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 2*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos em realização com os cotidianos escolares. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). *Currículo e educação básica*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, v. 28, n. 98, p.73-95, jan./abr. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>. Acesso em fev. 2024.
- FERRAÇO, Carlos; NUNES, Késia. Currículos, culturas, e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimento dos sujeitos praticantes. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alii. 2012.
- FRANCESSETTI, Gianni. “Você chora, eu sinto dor”. O Self emergente, cocriado, como o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na Gestalt-Terapia. In: ROBINE, Jean-Marie (org.). *Self: uma polifonia de Gestalt-terapeutas contemporâneos*. São Paulo: Escuta, 2018. p. 147-167.
- GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-32.
- GIARD, Luce. Momentos e lugares. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GROS, Frédéric (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MANGEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MICHAELIS. Dicionário online Michaelis. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em ago. 2024.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Sintra: M. Martins, 1994.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2012.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/dos com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (org.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- RANGEL, Leonardo; PINHEIRO, Sueli Lago. *Educação da atenção: cognição corporificada, coisas e Movimentos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.
- ROBINE, Jean-Marie. O Self, artista do contato. In: ROBINE, Jean-Marie (org.). *Self: uma polifonia de Gestalt-terapeutas contemporâneos*. São Paulo: Escuta, 2018. p. 219-239.
- THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. *Cadernos PROARQ*, n. 18, 2012. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18>. Acesso em: mar. 2022.
- VEIGA-NETO, Alfredo. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 2, p.161-175, 1996. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71622> Acesso em fev. de 2026.

Submetido em agosto de 2025
Aprovado em outubro de 2025

Informações das autoras

Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: ferraco@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4019-591X>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4231564319302829>

Leonardo Rangel dos Reis
Instituto Federal da Bahia
E-mail: leonardorangelrreis@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5644-6250>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2439250042562437>

Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles
Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: conceicao.nlima@ufpe.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3930-512X>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8110858923692305>